

Entrevista | Rafael Coelho

Produtor

Capital tem mercado musical segmentado

Rafael Coelho, de 27 anos, se firma como um dos principais articuladores da cena alternativa de MS

Rodrigo Teixeira

A figura do produtor musical em Mato Grosso do Sul é rara. Entre os anos 60 e 80, Zacarias Mourão fez história sendo o agente principal da cena sertaneja. No entanto, tirando o gênero sertanejo, principalmente no meio alternativo, produtores são raros. É por isso que Rafael Coelho é uma figura que chama a atenção no universo artístico da Capital. Com apenas 27 anos, este campo-grandense está fazendo história na cena cultural do Estado.

O Estado – Você poderia morar em qualquer lugar. Atualmente, não necessariamente é preciso estar morando nos grandes centros?

Rafael Coelho – Acho que não mudou esse panorama, não. Acho que os artistas devem ir aos grandes centros e isso acaba se tornando inevitável a partir de certo momento. Como exemplo, o trabalho que fazemos com a banda Curimba vai acabar desembocando, em algum momento, que tenhamos que ir para os grandes centros culturais. Mas, ao mesmo tempo, a cena local está mais envolvida com o trabalho deles, com o que temos feito, e cada vez mais. E é exatamente isso que temos tentado fazer. Usar da rádio local, promover uma interação entre as bandas locais, fazer com que o público local reconheça e prestigie seu trabalho. Deslocar lugares para eles irem e criar toda uma identidade, até para que as pessoas de fora reconheçam esse trabalho e se torne uma extensão da banda. Para que as pessoas conheçam o Curimba, elas precisam conhecer seu habitat, saber quais as raízes do grupo. Tem toda uma cena na Capital e estamos trabalhando junto. Acho que hoje em dia nada é mais interessante do que o local, o que acontece naquele lugar e com aquelas pessoas. Isso é que é o interessante.

O Estado – Qual a função do produtor musical?

Rafael Coelho – Ele pode ter várias funções ao mesmo tempo. Não dá para definir uma coisa só. Cada banda necessita de um tipo específico de produtor e de cada produto que queira. Pra você produzir música pop, por exemplo, você vai ter um tipo de produtor que vai priorizar um tipo de trabalho, ou valorizar a imagem do grupo de uma determinada maneira, que é diferente para o rock, que é diferente do sertanejo. É complicado porque hoje em dia o mercado está muito segmentado. Em Campo Grande, por exemplo, acho que existem dois mundos. Um mundo que acredito que seja válido das coisas artísticas e o mundo das pessoas que estão circulando e fazendo shows pela cidade, nos bares ou eventos. Eu vejo o movimento do

Temos de superar o nicho de atingir apenas o público alternativo e quebrar a barreira. Queremos nos voltar para o popular e atingir a massa também

pessoal da Bigorna Produções e os nossos eventos e uma série de pessoas fazendo movimentos artísticos de qualidade. Mas existem também muitas pessoas e bandas que estão fragmentadas por aí, que fazem parte de outras gerações ou que às vezes têm muito em comum com a gente, mas que não estão aglutinados conosco. E é o que acontece no mundo inteiro, tem sempre muita coisa boa, mas produzir isso é difícil, e é aí que entra o papel do produtor. De facilitar tudo isso para que possa acontecer. Mas nessa facilidade, nessa questão de facilitar, ele acaba imprimindo o que acredita que seja a estética correta, a imagem certa, como funcional e como produto.

O Estado – A banda Curimba é hoje a sensação na cidade. Quais são as dificuldades do grupo?

Rafael Coelho – A maior dificuldade é a quantidade de bares diferentes. Vamos a um e outro, rodamos



Rafael Coelho em sua produtora, novo quartel-general da cena alternativa da Capital; campo-grandense aposta em rádio na web só com músicas de MS para conquistar o público

todos eles com um bom som e temos conquistado um bom público, mas faltam mais lugares. Faltam opções de casas para tocarmos e também a gente ultrapassar a barreira do nicho. Precisamos sair dos barzinhos de pop e das casas somente e invadirmos uma coisa da grande noite de Campo Grande, das baladas de música sertaneja e música eletrônica. Temos que invadir esse espaço, quebrar essa barreira do nicho de público alternativo somente.

O Estado – Hoje existem pelo menos três artistas regionais que são de ponta no Brasil: Luan Santana, Maria Cecília & Rodolfo e João Bosco & Vinícius. Você não acha que utilizar o conhecimento desse pessoal seria um caminho também e que o alternativo não consegue ver isso e acaba pichando o outro?

Rafael Coelho – Concordo totalmente. E esse foi um debate na primeira reunião que o pessoal da Bigorna teve com a gente. Quando estava começando a ideia da Bigorna, eles nos chamaram e convocaram todo o pessoal para debatermos justamente isso. A gente quer tocar pro público do sertanejo, pro público do bairro, a gente quer espalhar nossa música nesse âmbito popular, mas eles têm uma concepção diferente, de tocar pra uma galera que tem grana e gosta do rock mesmo, algo mais direcional, mais segmentado, digamos. Eles não querem ver a produção deles como algo possível para a massa, e nós queremos nos voltar para o popular, misturar com o sertanejo, por exemplo, e atingir também esse mercado.

O Estado – E a questão de grana? Quanto custa, por exemplo, um show do Curimba hoje?

Rafael Coelho – Um show nosso

Em 2009, ele criou a rádio virtual Eai FM (www.eai.fm), que toca principalmente música autoral sul-mato-grossense e comprova a grande quantidade e alta qualidade da música produzida no Estado. A rádio já se tornou referência da cena alternativa e vem ocupando o espaço deixado nas rádios tradicionais de divulgar os artistas sul-mato-grossenses com maior intensidade. E com uma vantagem: não existe fronteiras para a internet. No mesmo ano de 2009, Rafael começou a parceria com a banda Curimba, assumindo a produção do grupo que virou sensação da Capital.

Rafael vem de família tradicional sul-mato-grossense. Ele é bisneto do pioneiro Laucídio Coelho e filho do médico Kenneth Coelho, que foi presidente do Sindicato Rural de Campo Grande. Rafael até tentou ajudar nos negócios agropecuários da família, mas optou por se dedicar à área cultural. Ele já passou uma temporada nos EUA e chegou a cursar a ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) em São Paulo. Como casou-se com a artista visual Tati Pedra - com ela teve o filho Luís Otávio - e seu pai morreu em 2006, resolveu voltar a morar na Capital em 2008.

hoje tem um custo de mil reais. Esse é o nosso valor de cachê. E o número de shows depende muito da época. Atualmente estamos fazendo um ou dois shows por mês, mas sempre têm os esporádicos, apresentações que fazemos em algumas parcerias ou eventos que vamos como convidados. Antes, nós tocávamos todos os fins de semana, mas por uma decisão nossa, resolvemos não prolongar muito essa questão de todos os fins de semana estarmos em um determinado lugar. Era muito difícil, dava muito trabalho fazer toda aquela correria de levar as pessoas para dentro dos bares, até porque acabam sendo as mesmas pessoas. Aí passamos a trabalhar com outros produtores lá, tornando o trabalho mais fácil, com dinheiro mensal garantido, mas não tão rentável como tínhamos antes.

O Estado – O que o Curimba acrescenta à música do Estado?

Rafael Coelho – Acho que acrescenta em tudo, e não só no Estado, como no cenário brasileiro também. No local é interessante porque vem dessa cultura do rock forte, que tem uma pegada no blues clássico, que é uma coisa forte do nosso Estado, e que tem certa autoridade até. E transita de uma maneira bem mais nova para o reagge, funk, que é uma coisa que eu gostava muito de trabalhar, e parte também para o MPB, para o samba, que foi uma coisa que comecei a me interessar muito ao longo do meu trabalho de produção musical. E eu, por exemplo, tenho um sentimento muito próspero de agregar samba ao pagode e fica uma coisa muito positiva em termos de acertar a sonoridade, sem preconceitos. A sonoridade fica uma coisa boa, pois tem uma percussão do samba por trás.

O Estado – O Curimba ganhou a votação nacional para ir ao programa do Tony Belotto no Canal Futura. Como foi isso?

Rafael Coelho – A banda foi escolhida por mais de 80% dos votos dos

internautas. O programa, “Afinando a Língua”, vai ao ar em agosto e terá convidados como Alceu Valença, Maria Gadu e Mallu Magalhães. A gente já vinha fazendo desde antes, instigando a galera, trazendo o público para participar. Já vínhamos trabalhando isso bastante, e conseguimos conquistar um público bom no Twitter. Então quando surgiu a oportunidade, já estávamos bem focados. Já vínhamos instigando muito as pessoas para participarem e foi algo que deu certo. Sinto que dá para sentir os resultados desde que comecei a trabalhar com o Curimba. Eu sempre foquei meu trabalho pelo lado musical mesmo. Esse lance do clipe, da afinação do vocal, da

As rádios tradicionais de Campo Grande fazem a mesma coisa que a Eai FM; a diferença é que na lista de músicas deles é comercial

harmonia dos arranjos, para que eles pudessem gerar um som limpo e de qualidade. Isso está gerando frutos agora. Fomos para São Paulo e alguém chegou e falou que gostou do som que a banda apresentou. Isso pra mim é o mais importante.

O Estado – Vamos falar um pouco da Eai FM. O que te motivou a montar a rádio virtual?

Rafael Coelho – Sempre fui um apaixonado pela internet e computadores. Sempre tive sites e mesmo os blogs, que vieram depois. Então, isso não é uma coisa estranha pra mim, pelo contrário, é natural ter uma página eletrônica minha. Quando conheci o Second Life, me deparei com essa questão de fazer um ‘streaming’, e que era justamente o que eu fazia pra tocar lá dentro da Second Life. Que era um bonequinho virtual inserido lá dentro. E que comecei a vender shows, que era o que eu fazia quando morava em Aracaju. Então,

ficou uma coisa muito interessante que me envolvi com aquilo e comecei a aprimorar a técnica de fazer a rádio. Quando isso tudo chegou aqui, o pessoal do Bigorna estava começando a se inserir no movimento e eu já produzia alguns artistas. Então coloquei o site no ar junto com meu primo e estamos desenvolvendo isso até agora. Tínhamos uma média de 100 acessos diários, mas tenho que olhar de novo, porque agora é que o site está voltando, na verdade. Surgem muitos problemas, é difícil fazer um site com interatividade, com ferramentas, então estamos mexendo sempre.

O Estado – Como você analisa esse universo das rádios de Campo Grande?

Rafael Coelho – Na verdade, eu não vejo como um universo. Vejo apenas como uma coisa bem básica. Elas já se propõem a tocarem somente aquilo que têm nas “listas de pesquisa”. Eles fazem a mesma coisa que eu faço aqui, com a diferença de que na minha lista tem as músicas locais. E a deles é uma lista de músicas que vendem, que as pessoas pedem mais, algo bem comercial. Eles não pensam como rádio, e sim, como venda, como algo que trabalha apenas com atrações. Não pensam em cultura. A parte da cultura acaba sendo apenas uma missão corporativa. São caçaníqueis. Às vezes, o cara até tem a intenção de fazer alguma coisa, mas para que seja algo comercial que se auto-sustente por meio de propaganda, acaba perdendo o caráter do conteúdo daquilo que será veiculado. Acho que isso é o interessante da internet. Você tem espaço, tem opção de veicular algo que tenha conteúdo, que seja interessante para o crescimento da cultura.

Jefferson Ravedutti